

jamais se fechar novamente. Nada de simétrico para a mulher em relação ao homem; na verdade, ao contrário, já que o objeto de amor dela calha de ser o portador do pênis e também o detentor simbólico do falo. Daí o fato de a mulher esperar algo como uma certeza por parte do homem; e o fato de o homem sentir como uma exigência que se impõe a ele a manifestação desta certeza, desta segurança que seria prova do acordo íntimo fundamental que deveria ser seu.

Podemos citar aqui aquilo que Lacan dizia a respeito: “... na medida em que é viril, um homem é sempre mais ou menos sua própria metáfora. É isso, aliás, que coloca sobre o termo virilidade a sombra do ridículo que, enfim, convém destacar... [A mulher] não tem de fazer essa identificação nem guardar esse título de direito à virilidade. Ela... sabe onde deve ir busca-lo [o falo], o que é do lado do pai, e vai em direção àquele que o tem. Isso também indica porque uma feminilidade, uma feminilidade verdadeira, tem sempre o toque de uma dimensão de álibi. Nas verdadeiras mulheres há sempre algo extraviado.” (Lacan, 1998, p. 195)⁴

Estas observações esclarecem a posição de Freud quando ele remete ao topos romântico, dando à mulher um lugar inacessível e inconhecível. “Se quiserem saber mais sobre a feminilidade... dirijam-se aos escritores...” (Freud, 1993/1995, p. 219)⁵. Difícil imaginar algo mais banal que este convite frequentemente citado da conferência de 1932. Mas seria preciso seguir adiante no texto, para o ponto em que Freud acrescenta que haverá, um dia, uma resposta trazida pela “ciência”, como se ele não pudesse confiar em suas próprias descobertas? Não poderíamos pensar que, com as observações que ele regularmente indicou em suas reflexões sobre o assunto, ele indicaria, na realidade, que – ao menos para o homem – a feminilidade pode estruturalmente se definir como uma espera, uma ambiguidade, um problema? A conclusão de *Análise terminável e interminável* coloca um problema bem mais complexo, mas, de qualquer forma, Freud inclui aí a feminilidade, a título de sua recusa comum a ambos os sexos como limite intransponível encontrado na análise: “Em nenhum outro momento do trabalho analítico, se tem mais a sensação vexativa de esforçar-se repetidamente em vão.” (Freud, 1937/2010, p. 54)⁶.

Paradoxalmente, poderíamos ver na instalação da feminilidade em uma alteridade absoluta, sacralizada por um caráter incognoscível e intransponível, uma revanche final do feminino contra uma teoria falocêntrica: no encaminhamento do pensamento de Freud há, aí, um desenvolvimento que se contrapõe implicitamente à unidade da libido masculina e à prevalência do falo, e introduz uma tensão na teoria deste assunto. “Implicitamente” porque não há, nos textos de Freud de 1931/32, qualquer renúncia à afirmação da primazia do falo que veio a se impor nos textos de 1932/34. Mas “se contrapõe” porque propõe

4. N. do T.: Tradução de Vera Ribeiro, Lacan, J. (1999) ‘Os três tempos do Édipo’, em *O seminário: as formações do inconsciente*, v. 5. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp. 201-202.

5. N. do T. Tradução de Paulo Cesar de Souza, Conferência XXXIII: feminilidade In *Sigmund Freud, Obras completas* v. 18, Cia das Letras, 2010, SP, p. 293 (trabalho original publicado em 1933)

6. N. do T. Tradução de Paulo Cesar de Souza, *Análise terminável e interminável*, In *Sigmund Freud, Obras completas* v. 19, Cia das Letras, 2018, SP, p. 324 (trabalho original publicado em 1937)

a abertura de todo um campo: a descoberta da importância da relação com a mãe na fase pré-edípica – espaço já designado pela metáfora da civilização minoico-micênica e prosseguido na designação de uma *terra incognita* nomeada feminilidade. E, neste campo, é preciso recuperar o lugar de um feminino originário muito inicialmente afirmado por Freud e parcialmente mascarado pelos desenvolvimentos posteriores. É sobre este feminino original que eu gostaria de continuar, em um encaminhamento que precisará de quatro ou cinco etapas antes de se ilustrar em um caso clínico que interroga a emergência da feminilidade em uma mulher cujo analista é um homem.

O feminino não-maternal

Que “a questão não se coloca para ela” é uma afirmação que faria chorar de raiva a paciente cujo corpo de limites tão fugazes não cessa de encarnar todos os tipos possíveis, e que vive como um verdadeiro tormento sua busca pela feminilidade. O que escolher entre: a se-reia de vestidos justos; a libertária de roupas sem forma; a refinada com maquiagem excessiva; a anorética em conflito com os pais; a boa-vida que se vangloria de seu apetite; a sedutora devoradora de homens; a romântica que sonha em receber flores; a misógina que se exaspera com os artifícios das outras; a desesperada que os homens abandonam; a prostituta que cobra por seus talentos; a graciosa cujos amigos adoram; a que antigamente era silenciosa? Como encontrar um início de resposta neste turbilhão de identificações? Querendo a qualquer preço encontrar uma feminilidade que permanece para ela mesma um mistério obsessivo, ela sofre, se esgota e se desespera nesta busca que não tem fim.

A primeira ambiguidade a eliminar é, sem dúvida, a distinção entre o feminino e o materno. O corpo da mulher permanece, para o homem, um lugar de mistério. Ele o é em termos do gozo que o homem não pode reduzir à experiência que ele próprio tem. Ele o é também por aquilo que tem de parecido com a maternidade: a gravidez e o dar à luz uma criança são experiências que pertencem exclusivamente à mulher, como realidade ou mesmo potencialidade, enquanto permanecem rigorosamente exteriores ao homem. Para a mulher, sabe-se que a gravidez é a ocasião de uma crise narcísica em que toda ideia de falta desaparece. Esta crise termina com o parto, mas pode retornar quando a relação com a criança vem a ocupar o lugar da relação com o homem. Assim, compreende-se que, às vezes, seja necessário lembrar que o materno e o feminino são distintos – mesmo contrários. Sendo o corte que os separa *interno* à mulher, ele torna possíveis movimentos de passagem e reviravolta que são fonte de confusão. Para o homem, ao contrário, a distinção entre paterno e masculino se opera mais facilmente, porque eles são separados a princípio por um corte que acontece no *exterior* do corpo do homem.

Um exemplo é *Os desajustados*, de John Huston, filme admirável que mostra a turbulência que a chegada de Marilyn Monroe provoca em uma pequena sociedade de homens. Vemos uma impressionante exibição do corpo que, em uma época puritana, experimenta excessos cômicos. Mas qual bela mulher vem a encarnar esse símbolo sexual? A mulher erótica? Não. A mãe. A prova disso é a conversa, no fim

do filme, entre Guido e Roslyn/Marylin: quando ela expressa sua admiração por todo o saber dele – ele acabara de lhe falar das estrelas e constelações – ele responde: “Você tem algo muito mais importante que o saber. Você tem compaixão. Você é tocada pelo que acontece com os outros.” A compaixão aparece aí como uma qualidade do feminino, mas do feminino maternal. É este movimento que o analisando busca suscitar no analista quando este ocupa uma posição materna. A mãe não ama mais seu filho quando ele sofre?

Feminilidade e passividade

O problema central que é preciso abordar quando se trata do feminino é o da passividade e do masoquismo. O lugar dado ao masoquismo é decisivo neste terreno, e a referência essencial, no que concerne à posição de Freud, é o texto de 1924, *O problema econômico do masoquismo*. É preciso lembrar que, ao falar do masoquismo feminino neste artigo, ele fala dos homens. Esta é uma reflexão – certamente feita com frequência – à qual não se dá suficiente importância, ao passo que seu significado para a nossa perspectiva é essencial: as únicas ilustrações clínicas que ele dá são de observações de homens. A definição do masoquismo feminino remete a um ponto de vista que podemos chamar antropológico, e não a um ponto de vista de gênero. Claro que se pode legitimamente ver aí a vontade de Freud de se referir à castração e à primazia do falo, o que reduz muito o reconhecimento da importância dada a um feminino originário específico. Mais precisamente, este objetivo se choca, no desenvolvimento do texto, com uma dificuldade que não é escondida. Mesmo que Freud busque dar grande espaço à castração, é o infantil que se impõe para explicar a passividade – o infantil da criança em situação de desamparo e dependência: assim, a interpretação remete a um infantil original relacionado às fantasias enumeradas algumas linhas antes: “ser amordaçado, amarrado, golpeado, chicoteado de maneira dolorosa”, tal é a “interpretação imediata, comodamente alcançada.” A interpretação em termos de castração só aparece em um segundo nível, em “casos em que as fantasias masoquistas sofreram elaboração particularmente rica”. É nestes últimos casos que a pessoa se encontra “numa situação caracteristicamente feminina... ser castrado, ser possuído, ou dar à luz.” (Freud, 1924/1992a, p.14)⁷ (note-se que este surpreendente “dar à luz um bebê” retoma o infantil onde não o esperávamos mais).

A manutenção, por Freud, da dupla referência ao Édipo e ao pré-Édipo para dar conta da construção deste masoquismo feminino se encontra até na justificativa final da terminologia que ele escolheu: “chamei de feminina essa forma de masoquismo..., *embora* (italico meu) muitos de seus elementos apontem para a vida infantil.” (Freud, 1924/1992a, p. 14)⁸. Ou seja, seria possível chamá-lo de masoquismo infantil, ou ainda infantil feminino, sem contradizer a análise de Freud.

7. N. do T. Todos os trechos deste parágrafo se referem à tradução de Paulo Cesar de Souza, O problema econômico do masoquismo In *Sigmund Freud, Obras completas* v.16, Cia das Letras, 2011, SP, p. 189 (trabalho original publicado em 1924).

8. *Ibidem*, p. 189.

garoto é um tanto desconhecido.”¹² Encontramo-nos, aí, diante de uma dificuldade do pensamento de Freud, que pena para formular, ao mesmo tempo, uma teoria da masculinidade e uma teoria da feminilidade. É um verdadeiro quiasma que se desenha: ao falar do Édipo, é do menino que Freud trata, e as coisas permanecem geralmente indistintas para a menina; ao falar do pré-Édipo – da pré-história – Freud se debruça sobre a menina e a sorte do menino permanece desconhecida. (A metáfora pré-histórica – tão familiar a Freud – é utilizada abundantemente neste texto de 1925. Ela terá a concorrência, nos textos dos anos 1930 sobre o feminino, da metáfora arqueológica do minoico-micênico, de poder provocativo infinitamente mais poderoso).

Assim, daremos cada vez mais importância àquilo que, apesar de tudo, Freud diz sobre o menino, e que se posiciona na origem de seu raciocínio. Ele lembra, então, que o menino e a menina, partindo de uma mesma conexão com a mãe, são confrontados com tarefas diametralmente opostas. Não há problema a ser discutido para o menino, o problema é, no entanto, imenso no que diz respeito ao outro sexo: “No caso do menino, isso não é difícil de explicar. Seu primeiro objeto amoroso foi a mãe. (...) Com a menina, é diferente. Também seu primeiro objeto foi a mãe. Como encontra o caminho para o pai? Como, quando e por que se desliga da mãe?” (Freud, 1931/1995, p. 9)¹³

Não cabe, portanto, confrontar o Freud de 1924 tratando do masoquismo feminino e o Freud de 1931-32 que trata da feminilidade em função da dependência ao outro materno. A referência explícita, nos artigos mais recentes, à bissexualidade original, como já formulada em *Os três ensaios*, reforça ainda mais o convite a levar em conta um original compartilhado entre os dois sexos. Mas, ao mesmo tempo, ao se tornar uma manifestação que não seria, de forma alguma, referente a um gênero em particular, perderia esse masoquismo feminino qualquer capacidade de esclarecer o que é a feminilidade?

Os modelos do infantil

Tendo assim lembrado os termos freudianos do problema, gostaria de retomar a discussão pós-Freud, a partir do que podemos chamar de “modelos do infantil”. É preciso retomar o assunto de um ponto de vista genérico para compreender sua complexidade. É na posição da criança, completamente desvalida por sua própria prematuridade, diante do controle dos cuidados maternos, que se faz a primeira experiência da passividade – experiência ao mesmo tempo de satisfação e excitação, experiência da adequação ideal entre as necessidades da criança e de uma “ação específica” operada pela mãe e, ao mesmo tempo, a inadequação fundamental da dependência de um organismo imaturo ao olhar de um outro todo poderoso. Não faltam modelos para dar conta daquilo que poderia ser uma adequação entre a mãe e a criança, a partir da capacidade que a primeira pode

12. Ibidem, p. 296

13. N. do T. Tradução de Jayme Salomão, *Sexualidade Feminina*, In *ESB das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI, Imago Editora, RJ, 1974, p. 259 (trabalho original publicado em 1931)

mostrar para responder às necessidades psicológicas e psíquicas do recém-nascido. Citemos:

- O modelo freudiano que mencionei há pouco, quando Freud promove a noção de ação específica para acalmar a excitação interna (em *Projeto para uma psicologia científica*¹⁴);

- O modelo winnicotiano da mãe suficientemente boa;

- O modelo bioniano da mãe cuja qualidade psíquica traz “a capacidade de rêverie”.

Mas a própria lógica destes modelos que insistem na necessidade de adaptação da mãe ao bebê enfatiza a extraordinária ameaça que paira permanentemente sobre a criança – ou seja, a inadequação fundamental que existe entre ela e a mãe: o recém-nascido encontra-se em uma situação de total dependência e submissão. A mínima falha da mãe – mas também todos os significantes de sua presença ou de sua ausência e todas as mensagens que ela lhe dirige – tem um impacto formidável sobre a criança. A negociação entre a atividade autônoma da criança, sua própria afirmação, seu próprio impulso pulsional – palavras não são capazes de dar uma ideia dos processos em jogo em um momento tão precoce – e as iniciativas parentais dispõe de uma pequeníssima margem de manobra.

A efetivação dos cuidados maternos não pode ser visada fora da hipótese da passividade primária. É aí que a experiência de prazer na passividade pode ocorrer. Ela virá a fundar a confiança básica do sujeito em relação ao outro. O corpo guarda a memória deste tempo distante, e quando o adulto se engaja numa relação amorosa, não há dúvidas de que ele coloque essa memória em jogo, de modo explícito, no tempo do prazer preliminar. A sutilidade do jogo amoroso conhece esta arte de complicar infinitamente a partilha da passividade e da atividade.

Esta passividade da criança, em seu valor estruturante, só pode ser considerada não-destrutiva. Está além dela o início do domínio do transbordamento traumático, que podemos designar como ruptura da para-excitação. É aí que se faz necessário reter a tendência negativa do masoquismo primário, quando a intervenção do outro vem a contribuir com essa redução. Ao escutar uma moça em análise há pouco tempo evocar o fato de que, por nada no mundo, ela consultaria uma mulher ginecologista, eu me espantei. A resposta irrompe na sequência: “Eu teria muito medo que ela me fizesse sofrer.” Claro que esta frase não tem qualquer valor de generalidade, e nem poderia ser analisada completamente sem retomá-la também em seus significados edípicos. Entretanto, nesta fantasia masoquista em que é a mulher que quer atentar contra o sexo de uma mulher – o homem sendo designado como aquele que preserva – pode-se encontrar um eco daquele masoquismo primário do corpo da criança entregue sem limites às manipulações maternas.

Jean Laplanche insistiu particularmente no fato de que o recém-nascido é profundamente desadaptado. No terreno da sobrevivência, em primeiro lugar, o pequeno ser humano necessita imperativamente do outro. Da dependência vital que submete a

14. Esta questão é objeto de desenvolvimentos importantes em Merot, P. (2014) *Dieu la mère: trace du maternel dans le religieux* [Deus-mãe: traço do maternal no religioso]. Paris: Puf.

própria sobrevivência à presença do outro materno, ele enfatizou a tendência trágica, aquela do *Hiflosigkeit* – a negligência, o desamparo. Em seguida, no terreno da sexualidade: a criança submetida às mensagens dos pais (“mensagens comprometidas” – isto é, comprometidas pela sexualidade dos pais); mensagens cujo caráter enigmático é precisamente ligado à esta desadaptação; mensagens pelas quais o sexual vai se implantar na criança. Sem me deter, aqui, no debate sobre o lugar de um movimento pulsional próprio à criança, a relação de sedução infantil é essencialmente definida pela passividade da criança em relação ao adulto. O evento da sedução não se caracteriza mais por seu aspecto contingente, mas torna-se uma experiência constitutiva da relação da criança com o adulto. O “ser seduzido pelo outro” torna-se uma marca do infantil. Este “ser seduzido pelo outro” que associa passividade e submissão e que recobra o que Freud descreve como masoquismo feminino pode se definir como feminino original. É esta a proposição que busco sustentar.

O desejo do outro

Entretanto, antes de deixar o terreno do original e de examinar os desenvolvimentos desta proposição, gostaria de fazer uma última observação que talvez não seja central em meu raciocínio, mas que, mesmo assim, tem seu lugar. É uma outra dimensão da relação original com o outro que eu gostaria de evocar brevemente. Que a criança é submetida às mensagens que os pais lhe dirigem, nós acabamos de mencionar. Paralelamente às mensagens portadoras do enigma sexual vindas dos pais, outras irão marcar a criança e se inscrever em seu inconsciente como significantes e como fantasias: os desejos que os pais formulam a respeito da criança; o lugar que ela ocupa na genealogia; a herança que ela detém; os segredos que se entrelaçaram em sua mente: identificação com o desejo do outro. A análise consiste, frequentemente, em fazer – ou desfazer – a história destas determinações nas quais o sujeito se encontra enredado desde os tempos mais remotos. De que se trata isto, para a criança, senão de se encontrar fundamentalmente submetida ao desejo do outro? Não se questiona essa transmissão que se inscreve na criança por meio dos significantes que os pais lhe atribuem. Se o fizermos, interessamo-nos sobretudo pela segunda parte desta proposição, que trata do desejo do outro. Mas é preciso também atentar para a primeira palavra: identificação. Identificação significa, aqui, submissão. Sem dúvida para encontrar sua identidade e seus ideias, mas, ao mesmo tempo, para conhecer a experiência mais radical de passividade.

Talvez não seja por acaso que a estrutura do “desejo de ser” busque o desejo do outro, encontrando-se, assim, em eco com a posição original da criança de estar submetida ao desejo do outro. Desejar aquilo que o outro deseja é submeter-se a seu *diktat*. A histórica diz, pois, a verdade sobre as origens do desejo. Estamos, aí, sem dúvida em uma dimensão fundamental do masoquismo primário, indicando que o sujeito humano só existe em uma intransponível estranheza a ele mesmo. Só bem mais tarde, e de forma bem diferente,

a relação com o outro tomará a forma explicitamente sádica da submissão ao superego parental.

Os remanejamentos posteriores; a inveja do pênis

É nessa experiência original da passividade que me parece possível ver a constituição de um protótipo da feminilidade tal qual ela é comum aos dois sexos. Abordar a questão da feminilidade pela hipótese de uma feminilidade primitiva – assim concebida como relação primeira ao outro que invade – é infinitamente mais fecundo do que retomar os debates bizantinos e irreais sobre o conhecimento (ou desconhecimento) da vagina por parte da menina – teorias que se encaminham inevitavelmente na direção de um realismo anatômico que ignora o poder estruturante dos significantes, e vocabulário no qual toda a virtude metafórica dos conceitos se perde. A realidade anatômica e sua correta percepção pela criança não fornecem a chave da realidade psíquica, e a distância que se pode introduzir entre essas duas abordagens da realidade é um fato ao qual a noção de gênero deu, hoje, uma nova dimensão.

A experiência de submissão passiva que necessariamente atravessa a criança pequena sustenta a noção de intrusão, de penetração, e está presente como fantasia tanto no menino quanto na menina. A partir da consideração desta dimensão fantasmática, deve-se até pensar que essa experiência de intrusão é, de certa forma, não localizada. Será apenas com o estabelecimento de uma certa organização que ela poderá assumir um valor oral ou, claro, anal (e cloacal). Podemos citar aqui Jean Laplanche: “A intervenção do outro, geralmente polarizada nos lugares psicológicos de troca (principalmente boca, ânus e mucosas urogenitais), está longe de *se limitar a eles, e pode vir a abalar o organismo em qualquer parte, especialmente em qualquer ponto do revestimento corporal, e investir qualquer corrente de trocas.*” (Laplanche, 1992, p. 451)¹⁵

Tal fantasma de passividade colabora fortemente com a construção da bissexualidade. Evidentemente a questão não se limita a isto, mas sem dúvida constitui, neste momento, um estrato inicial e o que podemos chamar justamente de um “cerne” que, de certa maneira, permanecerá intransponível. Posteriormente, essa fantasia passará por remanejamentos e rearranjos importantes, e será organizada diferentemente em função das transformações da vida e – sobretudo, e de forma essencial – em função da tomada de consciência, por parte do sujeito, da diferença dos sexos, de seu sexo e de seu gênero, e de sua inscrição no encaminhamento edípico. É com essa fantasia que se encontra o protótipo em torno do qual, em um segundo momento, poderá se restabelecer uma nova etapa da feminilidade. Cada momento do desenvolvimento remaneja, reinterpreta, redistribui as experiências da etapa precedente, mas não as abandona.

Assim é preciso entender Freud em *A organização genital infantil* (1923), que descreve a fase fálica e a primazia do falo – texto este que servirá de base para Lacan em sua releitura de Freud com *A significação do falo* (1966). Em *A organização genital infantil*, Freud (1923) anuncia,

15. N. do T.: Tradução livre.

em uma fórmula admirável por sua concisão, que com o desenvolvimento sexual concluído, “o feminino assume o objeto e a passividade” (Freud, 1923/1991, p. 309)¹⁶ – o objeto vindo como herança da primeira etapa (a primeiríssima distinção sujeito/objeto) e a passividade vindo da organização sádico-anal. Neste texto, Freud considera que o duo atividade/passividade, que até então não era atribuído a um gênero, se redistribui no duo masculino/feminino segundo um modelo linear em que “a polaridade sexual coincide com *masculino e feminino*” (Freud, 1923/1991, p. 309)¹⁷. A maneira de Freud tratar o futuro dessa passividade na mulher é particularmente interessante pois, se em um primeiro momento ele considera que há uma adequação exata entre esses dois duos, nota-se uma evolução impressionante nos textos seguintes sobre a feminilidade de 1931 e 1932, o que o levará a desconectá-los.

De fato, em *Sexualidade feminina* (1931/1995b), escrito quase 10 anos após *A organização genital infantil*, Freud não muda qualquer coisa a respeito da primazia do falo. Porém, quando trata de atividade/passividade, é para reconhecer um espaço importante da atividade na menina – equivalente ao que existe no menino. Mas uma atividade que não perdurará, fadada a se apagar quando as meninas se engajam em seu destino de mulher: “deve ser observado um acentuado abaixamento dos impulsos sexuais ativos e uma ascensão dos passivos.” (Freud, 1931/1995a, p. 24)¹⁸

Um ano mais tarde, em 1932, em *Feminilidade*, Freud reconhece a ideia de uma adequação completa entre os dois duos. Ele adverte contra “fazer coincidir ‘ativo’ com ‘masculino’ e ‘passivo’ com ‘feminino.’” (Freud, 1933/1995b, p. 198)¹⁹ A questão da passividade se beneficia, neste texto, de uma abordagem bem mais sutil: “também para atingir uma meta passiva é necessário um dispêndio de atividade.” (Freud, 1933/1995b, p. 199)²⁰

Na experiência desta passividade primitiva, inscreve-se também o traço do que, no homem, fará do medo da penetração, do “repúdio da feminilidade”, da “luta contra sua atitude passiva ou feminina para com outro homem” (Freud, 1937/2010, p. 52)²¹, a rocha de base além da qual nenhum avanço é possível. Estão aí os termos e a conclusão de *Análise terminável e interminável*, referindo-se, para o menino, à biologia – que aparece, então, como verdadeiro *deus ex machina*. Ao colocar em evidência o feminino originário, autoriza-se uma reinterpretação deste texto que permite também – senão ainda mais – compreender como toda lembrança, para o menino, do feminino do qual ele é em parte constituído poderá suscitar uma violenta re-

16. N. do T. Tradução de Paulo Cesar de Souza, *A organização genital infantil* In *Sigmund Freud, Obras completas* v.16, Cia das Letras, 2011, SP, p.175 (trabalho original publicado em 1923)

17. Ibidem. P. 175

18. N. do T. Tradução de Jayme Salomão, *Sexualidade Feminina*, In *ESB das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XXI, Imago Editora, RJ, 1974, p. 274 (trabalho original publicado em 1931)

19. N. do T. Tradução de Paulo Cesar de Souza, Conferência XXXIII: feminilidade In *Sigmund Freud, Obras completas* v. 18, Cia das Letras, 2010, SP, p. 267 (trabalho original publicado em 1933)

20. N. do T. Tradução de Paulo Cesar de Souza, *Angústia e instintos* In *Sigmund Freud, Obras completas* v.18, Cia das Letras, 2010, SP, p.243 (trabalho original publicado em 1933).

21. N. do T. Tradução de Paulo Cesar de Souza, *Análise terminável e interminável*, In *Sigmund Freud, Obras completas* v. 19, Cia das Letras, 2018, SP, p. 322 (trabalho original publicado em 1937)

abrir um outro debate. Tendo percorrido todo um campo teórico, posso agora retomar a questão inicial.

Uma questão

A questão que se formulou para mim a este respeito anunciou-se assim: como pode a feminilidade emergir em uma mulher em análise com um analista homem? Em torno desta interrogação, logo nasceu uma outra, que assumia um tom mais pessoal: em que o fato de eu ser um homem impediria que essa feminilidade emergisse? E ainda: que laço transferencial estabelecido por uma analisanda com um homem viria a impedir que este ponto crucial pudesse ser trabalhado?

“Todos os homens são assim.” Afirmação feita cem vezes. Afirmação banal, que os analistas sem dúvida escutam frequentemente na intimidade de seus consultórios. Desde o início de sua análise, Esther ataca seu marido e, por meio dele, todos os homens. Seu casamento anterior já tinha contido a ideia de desconfiança em relação aos homens. Nada do que faça esse homem, nada que ele seja, encontra admiração aos olhos dela. “Por meio dele, todos os homens” sem dúvida, já que eu sinto este ataque como sendo dirigido a mim, e vejo bastante injustiça nas críticas que ela faz: quando ela o acusa de incoerência, eu o estimo paciente; quando ela o chama de hipócrita, eu tenho a impressão de que talvez ele seja sincero; quando ela o descreve como egoísta, eu entendo que ele tem razão de se preservar; quando ela o julga inútil, eu penso que ela não o deixa muito espaço para existir.

Evidentemente eu não expresso minhas associações: é preferível guardar para mim meu movimento contratransferencial de identificação com este homem. Não posso nem mesmo orgulhar-me particularmente de um movimento que me leva a defender a casta dos homens diante desta mulher cujos ideais, em parte, têm consistido em querer liberar as mulheres de um jugo injusto. Imagino até o perigo que haveria em deixar aparecer qualquer aspecto desse movimento. Sinto, acima de tudo, que não é um movimento sincero. Noto-o em mim mesmo apenas para medir o quanto eu estou incluído, e quanto me deixo incluir, nesse “eles são todos assim.” Na verdade, engano-me quando escuto esta queixa interminável como se ela fosse dirigida a mim – a mim, homem entre os homens. Esther é uma vítima que se dirige a um personagem que pode compreendê-la, a um outro ela-mesma, a uma imago materna. “Seria mais fácil falar com uma mulher”, dirá ela em outros momentos.

O evento em sessão surge quando, ao dizer mais uma vez seu *leitmotiv* – “todos os homens são assim” –, Esther interrompe a frase com um sentimento de estranhamento. Este enunciado não cola. Há, ali, alguém que poderia se incomodar com esta afirmação. Esta mulher, mais uma vez, acusava, às lágrimas, seu marido. Denunciava seu oportunismo. Deixando seu pensamento fluir por um momento, ela continuava: “As mulheres respeitam o que prometeram. Os homens são oportunistas, eles são todos assim!” E, de repente, ela para, espantada pelo que acabara de dizer – de *me* dizer. Tenta se corrigir e lembra que, há muito tempo, havia procurado *uma* analista. A escolha de um analista não se impôs de início – ao contrário. Esther já havia feito, anos antes, *um* começo de trabalho com uma analista. Quando quis mais uma vez fazer análise, de novo foi uma analista que

procurou. Só uma mulher pode entender uma mulher. Finalmente, quando este encontro não vingou, escolheu dirigir-se a um homem, consciente de que, ao fazê-lo, colocava-se em perigo. Ela percebe que falar com uma mulher sobre seu ódio dos homens lhe dá – imaginariamente – a possibilidade de deixar intacto este ódio. Ele se instalava, pensa Esther, em um tipo de cumplicidade a priori. Mesmo aí, é preciso não se deixar levar pelas representações imaginárias que seu discurso propõe porque, em tal situação, a relação transferencial com uma analista não se deixaria ser completamente determinada por seu a priori. Mas o conluio instalado de início por tal posição de partida teria certamente funcionado como uma formidável resistência à modificação de sua relação com um homem.

No exato momento em que pronuncia a tal frase, Esther muda de interlocutor – momento fecundo em que a transferência age. Dirige-se, a partir de então, a um homem. Falar com um homem de seu ódio dos homens dá bruscamente um peso impensado à sua fala. Podemos até ser um pouco mais precisos: um homem com o qual tal ódio passava a conhecer um princípio de vacilo.

Vemos que aí se precisa a questão colocada. Não se trata de evocar o fato de que a relação analítica de uma mulher com um homem leve a uma relação transferencial, evidentemente, já que aí se dá toda a análise. Trata-se de notar uma relação transferencial singular que vem repetir uma situação de bloqueio, na qual a afirmação de feminilidade se anuncia como negação, ou até como recusa do homem, e de se interrogar sobre o excesso desta recusa.

Por que falar deste momento da análise de assunção da feminilidade? Porque, até então, a afirmação da feminilidade passava pelo apoio de uma posição defensiva, de ataque contra o homem – a melhor defesa é o ataque. Sob a cobertura do que podemos chamar de uma reivindicação feminista, tratava-se, para Esther, de negar ao homem qualquer ambição de pretender representar o falo, e de provar, dia após dia, que ela podia tê-lo sozinha. É provável que o perigo representado por um analista homem viesse a endurecer este caso, reforçar as defesas e colocá-la em posição de não dever ceder. Assim se constituiu em mim o sentimento de que, com um homem, reforçava-se o conflito em questão: assim se constituía a questão.

Claro que seria preciso poder também comentar todas as facetas do combate de Esther. Mas visto que não se trata, aqui, de se lançar em uma resenha deste caso, dar prioridade à problemática da inveja do pênis esconderia precisamente aquilo que foi determinante nessa transformação. Os únicos homens interessantes a seus olhos eram os homossexuais – únicos desprovidos da brutalidade comum a seus congêneres; únicos a assumir uma dimensão feminina. Constantemente submetida a uma ameaça vinda de um homem, é preciso que Esther mantenha a guarda alta. Ceder, da maneira que fosse, à passividade significaria pôr-se em risco, expor-se. No fundo, o paradoxo de Esther é aceitar a passividade quando a encontra em um homem, mas recusá-la quando a imagina em si mesma.

A situação analítica

Homem, mulher: “basta-nos que eles se distingam como sendo um a fantasia do outro”²², Eugénie Lemoine-Luccioni (1976, p.7) escreveu graciosamente, levando as coisas um pouco mais para o lado da simetria. Certamente este aforisma pode ser suficiente para explicar o eterno quiproquó. Mas é precisamente esta fantasia que é preciso explorar para se compreender o impasse, ou a paixão, em que cada um – homem e mulher – pode estar em seu encontro com o outro.

O dispositivo da análise é o de uma diferença na qual vai se intrometer a diferença sexual. É o que Pierre Férida (1973) chamou de uma dissimetria essencial na psicanálise, “condição própria para que a cura acolha o jogo das ilusões bissexuais, mas jamais fique submetida à sua sedução.” (Fedida, 1973, p. 160)²³ A diferença dos sexos entre um analisando e um analista – seria mais preciso dizer a diferença dos gêneros – trabalha em conjunto com as diferenças dos lugares e funções no interior do dispositivo. Ela se soma a elas e as duplica.

Os parâmetros da análise – e, particularmente, a posição do analisando deitado, e o requerimento, durante o tempo da sessão, de que ele permaneça inteiramente passivo – indiscutivelmente instalam o analisando, homem ou mulher, em uma posição passiva feminina. Com a regra fundamental que suspende qualquer ação, as coisas são ainda mais complexas: a passividade é colocada em marcha de maneira decisiva, porque a motricidade se encontra suspensa durante a sessão – aproximando-se, assim, da psicologia do sono e do sonho. Há sim, porém, ato durante a sessão, pois a regra fundamental tende a dar à simples fala o estatuto de ato. Conhece-se, no analisando homem, a encubação dos sentimentos homossexuais que podem surgir desse dispositivo. Simetricamente, uma mulher que, na adolescência, foi vítima de uma relação incestuosa precisará de um longo período de face a face antes de poder contemplar uma análise – a encubação da passividade e da fantasia de submissão, e a inquietude a respeito de uma presença invisível do analista são uma reaproximação traumática da situação vivida. Finalmente, a relação com o analista solicita uma capacidade de se engajar em uma relação de confiança no outro porque se trata de entregar-se completamente. *Entregar-se inteiramente e sem restrição a alguém em quem confiamos nossos pensamentos mais íntimos, mais secretos*. Esta confiança só pode existir se foi possível fazer da passividade infantil uma experiência positiva – ou suficientemente positiva.

A virada transferencial de Esther vem, primeiramente, significar o abandono da posição transferencial inicial por uma outra. A análise, ao forçar a maior das passividades – e eu diria também ao forçar a maior das feminilidades – exige que se re-atue o teatro da diferença dos sexos. Trata-se, para retomar o termo de Jacqueline Schaeffer em um artigo apaixonado sobre esta questão, de aceitar a *derrota* do feminino (Schaeffer, 1999, p. 38). Nesta nova posição transferencial, o que está em jogo é precisamente a aceitação da atividade do outro. No período que se seguiu, é em torno deste exato ponto que Esther

22. N. do T. Tradução livre.

23. N. do T. Tradução livre.

em jogo uma diferença entre eles: trata-se de uma oposição “que frequentemente deve ser substituída, na psicanálise, por aquela entre ativo e passivo”, diz em nota de rodapé (1905/2006, p. 93)²⁷.

Vimos o momento crítico do início dos anos 1930. Porém, no final da década anterior, em *O mal-estar na civilização* (1929/1994b), não se trata mais de uma atenuação: trata-se claramente uma reserva: “identificamos precipitadamente a atividade com a masculinidade e a passividade com a feminilidade [...] Muita coisa ainda não é clara na teoria da bissexualidade” (Freud, 1929/1994b, p. 293)²⁸.

Sem dúvida este debate coloca em jogo a teoria da primazia do falo. Wladimir Granoff, em 1976, demarcou claramente o embate em seu livro *La pensée et le féminin* [*O pensamento e o feminino*]. Pensar em termos de bissexualidade sumária, deixar as coisas caminharem para uma simetria entre o feminino e o masculino, entre o passivo e o ativo – lembremos as cartas trocadas entre Freud e Fliess a respeito do corpo compartilhado entre uma metade feminina e uma metade masculina – já é se engajar na direção de um abandono dos princípios.

Já que Freud não cede jamais a respeito da unidade da libido masculina e da primazia do falo, a questão com a qual ele é confrontado é como fazer o dois a partir do um. O percurso que percorremos – dando espaço ao original e escapando ao que poderia se construir como falsa simetria – parece-me permitir-nos sair da discussão circular. Ao concluir seu texto sobre a feminilidade, Freud não se contenta em remeter ao poeta, como lembrei na introdução; ele remete, sobretudo, a cada um: “Isto é tudo o que tinha a lhes dizer sobre a feminilidade. Certamente é incompleto e fragmentário [...] Se quiserem saber mais sobre a feminilidade, interroguem suas próprias vivências” (Freud, 1933/1995b, p. 219)²⁹. Trata-se de um fragmento que geralmente não é citado.

Resumo

O fato de que o feminino possa ser compartilhado entre os dois sexos, está inscrito na história precoce do infante, na qual o menino e a menina não tem posições simétricas. O autor recorda a importância, para os dois sexos, do vínculo originário com a mãe na construção desta feminilidade originária. Ele enfatiza a evolução de Freud a respeito deste ponto, que volta a por em questão, ao longo do tempo, a assimilação inicial dos pares ativo/passivo, masculino/feminino, sem, no entanto, por em questão a primazia do falo. O autor a propõe a ideia de uma inveja do pênis que não seja invejosa. Tais questões têm, com a emergência da noção de gênero, grande atualidade, e são aqui ilustradas na clínica do tratamento psicanalítico.

Palavras chave: *Bissexualidade, Atividade/Passividade, Masculino/Feminino, Inveja do pênis, Transferência. Candidato a palavra chave:* *Feminilidade originária.*

27. Ibidem, p. 55.

28. N. do T. Tradução de Paulo Cesar de Souza, *O Mal estar na civilização* In *Sigmund Freud, Obras completas* v.18, Cia das Letras, 2010, SP, p. 71, nota de rodapé 15 (trabalho original publicado em 1930).

29. N. do T. Tradução de Paulo Cesar de Souza, Conferência XXXIII: feminilidade In *Sigmund Freud, Obras completas* v. 18, Cia das Letras, 2010, SP, p. 293 (Trabalho original publicado em 1933).

